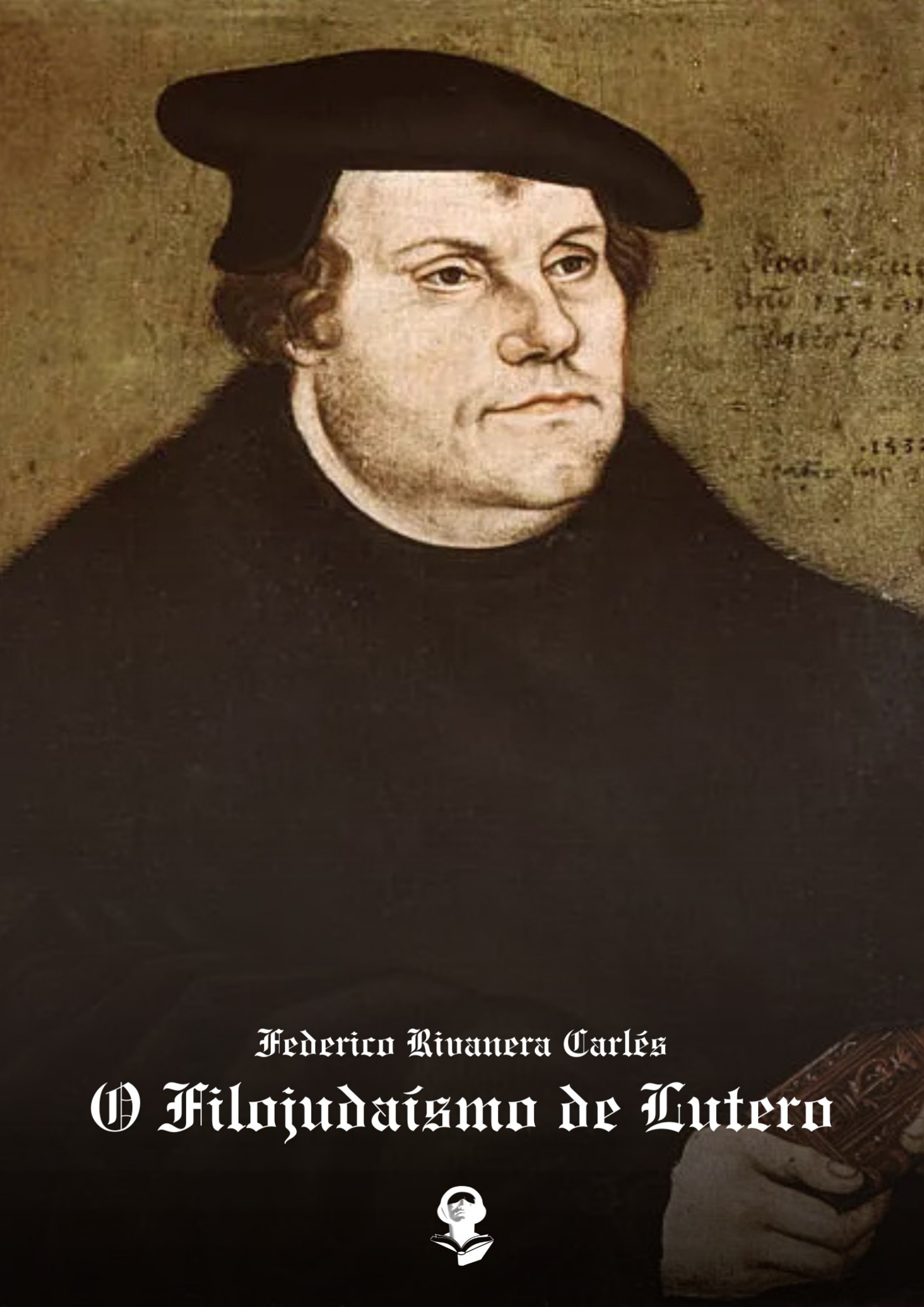

Federico Rivanera Carlés

O Filojudaísmo de Lutero

Federico Rivanera Carlés

O Filojudaísmo de Lutero

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

O seguinte livro foi retirado de "La Judaización del Cristianismo y la Ruina de la Civilización (Volume 1) - Federico Rivanera Carlés"

O mestre de exegese bíblica de Martinho Lutero (1483-1546) foi o converso Nicolás de Lyra[1], que desempenhou papel tão excepcional como transmissor da literatura rabínica, em especial de Rashi. Lazare observa que o reformador extraiu "suas doutrinas de fontes hebraicas"[2]. Após enfatizar a dívida de Lutero "tanto para com o povo judeu como para com sua literatura", Newman diz que "estava em dívida com os judeus e com o judaísmo por meio de dois agentes, que em alguns aspectos coincidem, a saber, suas relações pessoais com judeus e seu conhecimento da literatura judaica. Deve muito à influência dos escritos judaicos, fato que se pode perceber em suas atividades como hebraísta. Participou do renascimento hebraico, iniciado pelos humanistas, mas tornado possível em grande medida por meio das contribuições dos mestres judeus do hebraico"[3]. Lutero iniciou o aprendizado deste com a gramática de Reuchlin, a qual, como sabemos, foi uma reelaboração do *Séfer Miklol* de David Kimji[4].

A dependência de Lutero em relação à exegese de Lyra, fundada quase exclusivamente em Rashi[1], é tão grande[2] que deu origem ao famoso *Si Lyra non lyrasset, Luther non saltasset*[3]. Mas Lyra não foi apenas seu mestre de exegese; suas ideias foram assumidas pelo heresiarca, de tal modo que "**a Bíblia de Lutero é uma espécie de comentários de Rashi**", segundo expressa com acerto outra figura relevante do judaísmo, o orientalista Darmesteter[4]. Ou seja, Rashi, o mais célebre dos comentaristas bíblicos e talmúdicos, vem a ser um precursor de Lutero[5].

Ele [Lutero] recorreu à Bíblia Hebraica, obviamente, para sua versão alemã, servindo-se do texto massorético publicado em Brescia, no ano de

---

1 Lazare, ob. cit., p. 138.
2 *Ib.*, p. 118.
3 Newman, ob. cit., pp. 617 e 622.
4 Ver cap. 3, n. 46, e 7, n. 10. Parece que também estudou com uma gramática de Moisés Kimji, porque Newman consigna que em 1519 lhe enviou uma (não especifica qual das duas) a Juan Lang (ob. cit., p. 623). Posteriormente estudou hebraico com Melanchton, mas nunca dominou realmente essa língua (*ib.*).
1 Newman, ob. cit., pp. 77 e 326.
2 "Não há dúvida de que Lutero dependia de Lyra" (v. Ch. Singer, ob. cit., p. 297).
3 Léonard o recorda e expressa que "bem se poderia dizer do velho Nicolás de Lyra que, se não tivesse tocado a lira, Lutero não teria dançado" (ob. cit., vol. I, p. 51).
4 James Darmesteter, Coup d'oeil sur l'histoire du peuple juif (Ojeada sobre la historia del pueblo judío), em Les Prophètes d'Israel, p. 187, ed. Calmann-Lévy, Paris, 1892. Sobre a influência de Rashi nas versões bíblicas de Lutero, cf. também UJE, vol. 9, p. 79, e Newman, ob. cit., p. 624.
5 "Segundo Renan, os protestantes devem muito a Rashi. A seu modo de ver, este foi algo assim como o precursor do protestantismo. A esse respeito, Renan escreveu: 'Rashi e seus comentários originaram o de Lyra e de Lyra originou Lutero'" (cf. Rashi y el protestantismo, em revista JUDAICA, ano VIII, nº 86, p. 96, Bs. As., agosto de 1940).

1494, pelo judeu Gerson ben Moses Soncino[6]. Na tradução, fez uso reiterado dos comentários de David Kimji[7]. O grupo de hebraístas que se formou para a Bíblia alemã era composto por Melanchton, Bugenhagen, Jonas, Gaspar Cruciger ([Creuziger, Creutzinger] 1504-1548), o seguramente confesso Mateo Aurogallus (Goldhahn)[8], Juan Forster — discípulo de Reuchlin[9]— e Bernardo Ziegler[10], judeu converso[11]. Lutero tinha especial apreço pelos dois últimos, de acordo com o que manifestou em suas conversa à mesa[12]. É muito sugestivo que um dos nomes com que Mathesius designa esse grupo seja o de **sinédrio**[13]. Quando, em 1539, o reformador decidiu empreender a revisão da Bíblia Completa[14], solicitou repetidas vezes a cooperação de eruditos judeus[15]. A tradução da Bíblia realizada por Lutero foi um instrumento-chave para a consolidação da Reforma e, por outro lado, nela se baseou a maioria das versões protestantes do Velho Continente, assim como as posteriores edições alemãs.

Lutero recorreu aos comentaristas rabínicos não só para traduzir a Bíblia, mas também na interpretação das passagens cristológicas do Antigo Testamento. Além da ajuda dos hebraístas de Wittenberg, “buscou o

6 Newman, ob. cit., p. 624.

7 Ib., p. 326.

8 Ricardo García-Villoslada, Martín Lutero, t. II, p. 400, ed. BAC, Madri, 1973; LC, p. 74. Estimo que o sobrenome deste personagem prova sua origem racial. Foi nomeado professor hebreu em Wittenberg, segundo aquele, em 1524, mas a LC registra o ano 1521 (p. 74). Aurōgallus-Goldhahn (1490-1543) é autor de uma gramática hebraica: Compendium Hebr. Chaldaecaeque Gramm., que apareceu em Wittenberg no ano 1525 e foi reeditada em 1539 (JE, vol. VI, p. 73; LC, ib.). Esta última fonte informa que participou também da revisão que se fez em 1540 da Bíblia luterana (ib.).

9 O pastor Forster (1496-1558) compôs um importante Dictionarium hebraicum novum (Augsburgo, 1557) e Meditationes hebraicae (Colônia, 1558).

10 García Villoslada, ob. cit., t. II, p. 402.

11 El, vol. 11, 585. A mãe de Lutero se chamava precisamente Margarita Ziegler e, diferentemente de seu marido, de origem camponesa, pertencia a uma família burguesa de Eisenach (v. Léonard, ob. cit., vol. I, p. 44). Seria preciso investigar sua ascendência: teria algum parentesco com Bernardo Ziegler?

12 Lutero, *Tischreden*, t. IV, 5001, pp. 607-608, *D. Martin Luthers Werke. Kristische Gesamtausgabe* (Obras de D. Martín Lutero. Edição crítica completa), ed. Böhlaus Nachfolger, Weimar, 1916; trata-se da melhor edição, mais conhecida por *Weimarer Ausgabe* (Edição de Weimar).

13 Mathesius, *Historien von des Ehrwürdigen in Gott selingen theuren Manns Gottes D. Martin Luther* [História do venerável bem-aventurado em Deus, caro homem de Deus, D. Martín Lutero], Nuremberg, 1565, *apud* García-Villoslada, ob. cit., t. II, p. 402. Juan Mathesius (1504-1565) é um testemunho qualificado. Desde 1540 foi comensal de Lutero e tomou nota das conversas deste, que ordenou dois anos mais tarde. Escreveu a primeira biografia do reformador, ainda hoje valiosa fonte histórica. Foi um dos mais famosos pregadores de seu tempo e seus sermões publicaram-se em diversos idiomas.

14 *Biblia, das ist: die gantze Heilige Schrifft Deutsch* (A Bíblia, isto é: a Sagrada Escritura Completa em alemão), 6 vols., Wittenberg, 1534. O texto foi objeto de onze revisões em vida de Lutero, a última em 1544-1545.

15 Mathesius, *Luthers Leben in Predigten* (A vida de Lutero em sermões), ed. Bibliothek deutscher Schriftsteller aus Boehmen, t. IX, pp. 315 e ss., Praga, 1898, apud Newman, ob. cit., p. 625; cf. também Mathesius, *Historien*, etc., apud García Villoslada, ob. cit., t. II, p. 402.

conselho dos estudiosos e rabinos judeus em numerosas ocasiões; os judeus o visitavam em sua casa para discutir com ele as passagens difíceis da Bíblia”[16].

O mencionado antijudaísmo de Lutero *foi apenas uma atitude individual, quase retórica e tardia*, que não implicou a modificação do caráter judaico do protestantismo luterano. Para demonstrá-lo, bastam os testemunhos precedentes, em especial o juízo terminante de Bernard Lazare. Contudo, é necessário dissipar qualquer dúvida.

Durante a maior parte de sua vida, o heresiarca mostrou-se filojudeu, o que se reflete em sua concepção religiosa impregnada de judaísmo, como se acaba de ver, e no escrito de 1523, *Das Jesus Christus ein geborener Jude sei* (Que Jesus Cristo nasceu judeu). É opinião corrente que Lutero se tornou antijudeu ao ver que os hebreus não se convertiam em massa ao protestantismo. Indubitavelmente, a decepção causada por tão ingênua pretensão influiu nele, apesar de muitos judeus terem ingressado no movimento luterano e se destacado em sua condução. Também se atribui a virada a outras razões, entre as quais se destacam “desagradáveis experiências em seu trato com certos judeus” e “o aparecimento de seitas judaizantes entre seus próprios adeptos”[17]. A mudança foi gradual. Em 1536, a pedido de Lutero, o príncipe eleitor da Saxônia, João Frederico, determinou que os judeus abandonassem suas terras, o que aparentemente não chegou a se concretizar[18]. Quando, no ano seguinte, Josel de Rosheim, representante da comunidade judaica alemã, quis entrevistar-se com o reformador, este se negou e lhe fez chegar uma missiva na qual manifestava que “*seu coração permanecia, como sempre, cheio de bons sentimentos para com os judeus, mas a doçura devia servir para convertê-los, não para obstiná-los em seus erros*”[19]. Lutero havia conseguido que se tomasse medida semelhante em Brandemburgo, mas, em 1537, Rosheim conseguiu sua anulação valendo-se de cartas de dirigentes protestantes e

16 Newman, ob. cit., pp. 623 e 625. É possível que tenha sido (CONTINUA NA P. 213)

17 *UJE*, vol. 7, p. 241.

18 Desde logo, isto regia só para os judeus públicos e não pude averiguar se se concretizou, mas não creio, porque as fontes judaicas não mencionam fatos relacionados com a medida. Por isto, Lazarè assinala que os judeus “não foram maltratados” na Alemanha protestante (ob. cit., p. 119).

19 Poliakov, *Historia, etc.*, p. 235.

dos conselheiros de Estrasburgo[20]. Pouco mais tarde, Lutero soube que, na Boêmia, "instigados por judeus, alguns reformistas abraçam o judaísmo, festejam o *sabbat*, e alguns chegam a se circuncidar"[21]. Então publica, em 1538, *Wider die Sabbather an einen guten Freund* (Contra os sabatários a um bom amigo)[22], onde critica a lei judaica.

Mas somente pouco antes de sua morte, ocorrida em 18 de fevereiro de 1536, adotou uma aberta e completa posição antijudaica. Em 1542, elaborou os dois textos que viriam à luz no ano seguinte: *Von den Juden und ihren Lügen* (Dos judeus e suas mentiras), redigido com sua habitual linguagem inflamada[23], e *Von Schem Hamphoras und wom Geschlecht Christi* (A propósito do *Schem Hamphoras* e da linhagem de Cristo), mais violento que o anterior[24]. No primeiro, exigia a queima das sinagogas, a confiscação dos livros da lei judaica, que os judeus fossem obrigados ao trabalho manual, etc., e propunha como meta sua expulsão do território germânico, exortando os governantes e pastores a agir em conformidade com o que foi dito.O mestre de exegese bíblica de Martinho Lutero (1483-1546) foi o converso Nicolás de Lyra[1], que desempenhou papel tão excepcional como transmissor da literatura rabínica, em especial de Rashi. Lazare observa que o reformador extraiu "suas doutrinas de fontes hebraicas"[2]. Após enfatizar a dívida de Lutero "tanto para com o povo

20 Ben-Sasson, *La Edad Media*, em *Historia, etc.*, t. 2, p. 765.

21 Poliakov, ib.

22 O amigo era o conde Wolfgang Schlick zu Falkenau, da Boêmia do norte, que havia posto sobreaviso a Lutero.

23 Escreveu-o para replicar a um opúsculo contra seu texto acerca dos sabatários, cujo autor era aparentemente judeu. Embora ele mesmo tenha se extraviado, chegou às mãos do reformador em Wittenberg em 18-V-1542. Baseava-se em uma exegese judaica da Bíblia, o que provocou a irada réplica luterana.
A violência da linguagem de Lutero contra os judeus tampouco deve nos chamar ao engano, pois ainda se acentuou em seu escrito de 1545 *Contra el Papado de Roma, fundado por el Diablo*, fato destacado pelos judeus e luteranos. León Poliakov, embora não mencione explicitamente esse texto, observa que "falava do Santo Padre, seu dileto inimigo, de forma que superava, tanto em veemência como em obscenidade, tudo o que pôde dizer sobre os judeus" (ob. cit., p. 234).

24 *Shem Hameforash* (tal é sua fonética castelhana) é o "Nome inefável do Altíssimo", a "locução mística com a qual se designa, sem pronunciá-lo, o nome de Deus" (v. Schallman, *Diccionario, etc.*, p. 171). Sinônimo de Shem, Adoseh, Adonay, Jehová, Jehové, Yavé e Elohim, representa o impronunciável tetragrama YHVH ou IHVH.
Para seus escritos antijudaicos, Lutero baseou-se nas obras de Bernardo Ziegler (cujos títulos não pude estabelecer) e sobretudo na de outro converso, Antonio Margarita ([Margalita] m. c.1490), autor de *Der Gantz Jüdisch Glaub, etc.* (*La entera fe judía, etc.*) Augsburgo, 1530), que o reformador citou reiteradamente em *Von den Juden, etc.* Filho de um rabino, Margarita abraçou primeiro o catolicismo e pouco depois passou ao campo protestante (*EJ*, vol. 11, 985 e 958-959; *UJE*, vol. 7, p. 241). Não deve enganar-se o leitor, no entanto, acerca do "antijudaísmo" dos conversos, os quais negam o caráter racial do judaísmo apresentando-o como uma religião, cujos membros, apesar de sua obstinação, podem converter-se autenticamente à Fé cristã. Isto é falso, os judeus não querem realmente converter-se, e isso a história demonstra de forma indubitável (cf. sobre esta matéria essencial meu citado estudo *Los Conversos*).

1 Lazare, ob. cit., p. 138.

2 *Ib.*, p. 118.

judeu como para com sua literatura", Newman diz que "estava em dívida com os judeus e com o judaísmo por meio de dois agentes, que em alguns aspectos coincidem, a saber, suas relações pessoais com judeus e seu conhecimento da literatura judaica. Deve muito à influência dos escritos judaicos, fato que se pode perceber em suas atividades como hebraísta. Participou do renascimento hebraico, iniciado pelos humanistas, mas tornado possível em grande medida por meio das contribuições dos mestres judeus do hebraico"[3]. Lutero iniciou o aprendizado deste com a gramática de Reuchlin, a qual, como sabemos, foi uma reelaboração do *Séfer Miklol* de David Kimji[4].

A dependência de Lutero em relação à exegese de Lyra, fundada quase exclusivamente em Rashi[25], é tão grande[26] que deu origem ao famoso *Si Lyra non lyrasset, Luther non saltasset*[27]. Mas Lyra não foi apenas seu mestre de exegese; suas ideias foram assumidas pelo heresiarca, de tal modo que "**a Bíblia de Lutero é uma espécie de comentários de Rashi**", segundo expressa com acerto outra figura relevante do judaísmo, o orientalista Darmesteter[28]. Ou seja, Rashi, o mais célebre dos comentaristas bíblicos e talmúdicos, vem a ser um precursor de Lutero[29].

Este recorreu à Bíblia Hebraica, obviamente, para sua versão alemã, servindo-se do texto massorético publicado em Brescia, no ano de 1494, pelo judeu Gerson ben Moses Soncino[30]. Na tradução, fez uso reiterado dos comentários de David Kimji[31]. O grupo de hebraístas que se formou para a Bíblia alemã era composto por Melanchton, Bugenhagen, Jonas,

---

3 Newman, ob. cit., pp. 617 e 622.

4 Ver cap. 3, n. 46, e 7, n. 10. Parece que também estudou com uma gramática de Moisés Kimji, porque Newman consigna que em 1519 lhe enviou uma (não especifica qual das duas) a Juan Lang (ob. cit., p. 623). Posteriormente estudou hebraico com Melanchton, mas nunca dominou realmente essa língua (*ib.*).

25 Newman, ob. cit., pp. 77 e 326.

26 "Não há dúvida de que Lutero dependia de Lyra" (v. Ch. Singer, ob. cit., p. 297).

27 Léonard o recorda e expressa que "bem se poderia dizer do velho Nicolás de Lyra que, se não tivesse tocado a lira, Lutero não teria dançado" (ob. cit., vol. I, p. 51).

28 James Darmesteter, Coup d'oeil sur l'histoire du peuple juif (Ojeada sobre la historia del pueblo judío), em Les Prophètes d'Israel, p. 187, ed. Calmann-Lévy, Paris, 1892. Sobre a influência de Rashi nas versões bíblicas de Lutero, cf. também UJE, vol. 9, p. 79, e Newman, ob. cit., p. 624.

29 "Segundo Renan, os protestantes devem muito a Rashi. A seu modo de ver, este foi algo assim como o precursor do protestantismo. A esse respeito, Renan escreveu: 'Rashi e seus comentários originaram o de Lyra e de Lyra originou Lutero'" (cf. Rashi y el protestantismo, em revista JUDAICA, ano VIII, nº 86, p. 96, Bs. As., agosto de 1940).

30 Newman, ob. cit., p. 624.

31 Ib., p. 326.

Gaspar Cruciger ([Creuziger, Creutzinger] 1504-1548), o seguramente confesso Mateo Aurogallus (Goldhahn)[32], Juan Forster —discípulo de Reuchlin[33]— e Bernardo Ziegler[34], judeu converso[35]. Lutero tinha especial apreço pelos dois últimos, de acordo com o que manifestou em suas conversa à mesa[36]. É muito sugestivo que um dos nomes com que Mathesius designa esse grupo seja o de **sinédrio**[37]. Quando, em 1539, o reformador decidiu empreender a revisão da Bíblia Completa[38], solicitou repetidas vezes a cooperação de eruditos judeus[39]. A tradução da Bíblia realizada por Lutero foi um instrumento-chave para a consolidação da Reforma e, por outro lado, nela se baseou a maioria das versões protestantes do Velho Continente, assim como as posteriores edições alemãs.

Lutero recorreu aos comentaristas rabínicos não só para traduzir a Bíblia, mas também na interpretação das passagens cristológicas do Antigo Testamento. Além da ajuda dos hebraístas de Wittenberg, "buscou o conselho dos estudiosos e rabinos judeus em numerosas ocasiões; os judeus o visitavam em sua casa para discutir com ele as passagens difíceis da Bíblia"[40].

---

32 Ricardo García-Villoslada, Martín Lutero, t. II, p. 400, ed. BAC, Madri, 1973; LC, p. 74. Estimo que o sobrenome deste personagem prova sua origem racial. Foi nomeado professor hebreu em Wittenberg, segundo aquele, em 1524, mas a LC registra o ano 1521 (p. 74). Aurōgallus-Goldhahn (1490-1543) é autor de uma gramática hebraica: Compendium Hebr. Chaldaecaeque Gramm., que apareceu em Wittenberg no ano 1525 e foi reeditada em 1539 (JE, vol. VI, p. 73; LC, ib.). Esta última fonte informa que participou também da revisão que se fez em 1540 da Bíblia luterana (ib.).

33 O pastor Forster (1496-1558) compôs um importante Dictionarium hebraicum novum (Augsburgo, 1557) e Meditationes hebraicae (Colônia, 1558).

34 García Villoslada, ob. cit., t. II, p. 402.

35 El, vol. 11, 585. A mãe de Lutero se chamava precisamente Margarita Ziegler e, diferentemente de seu marido, de origem camponesa, pertencia a uma família burguesa de Eisenach (v. Léonard, ob. cit., vol. I, p. 44). Seria preciso investigar sua ascendência: teria algum parentesco com Bernardo Ziegler?

36 Lutero, *Tischreden*, t. IV, 5001, pp. 607-608, *D. Martin Luthers Werke. Kristische Gesamtausgabe* (Obras de D. Martín Lutero. Edição crítica completa), ed. Böhlaus Nachfolger, Weimar, 1916; trata-se da melhor edição, mais conhecida por *Weimarer Ausgabe* (Edição de Weimar).

37 Mathesius, *Historien von des Ehrwürdigen in Gott selingen theuren Manns Gottes D. Martin Luther* [História do venerável bem-aventurado em Deus, caro homem de Deus, D. Martín Lutero], Nuremberg, 1565, *apud* García-Villoslada, ob. cit., t. II, p. 402. Juan Mathesius (1504-1565) é um testemunho qualificado. Desde 1540 foi comensal de Lutero e tomou nota das conversas deste, que ordenou dois anos mais tarde. Escreveu a primeira biografia do reformador, ainda hoje valiosa fonte histórica. Foi um dos mais famosos pregadores de seu tempo e seus sermões publicaram-se em diversos idiomas.

38 *Biblia, das ist: die gantze Heilige Schrifft Deutsch* (A Bíblia, isto é: a Sagrada Escritura Completa em alemão), 6 vols., Wittenberg, 1534. O texto foi objeto de onze revisões em vida de Lutero, a última em 1544-1545.

39 Mathesius, *Luthers Leben in Predigten* (A vida de Lutero em sermões), ed. Bibliothek deutscher Schriftsteller aus Boehmen, t. IX, pp. 315 e ss., Praga, 1898, apud Newman, ob. cit., p. 625; cf. também Mathesius, *Historien*, etc., apud García Villoslada, ob. cit., t. II, p. 402.

40 Newman, ob. cit., pp. 623 e 625. É possível que tenha sido (CONTINUA NA P. 213)

O mencionado antijudaísmo de Lutero *foi apenas uma atitude individual, quase retórica e tardia*, que não implicou a modificação do caráter judaico do protestantismo luterano. Para demonstrá-lo, bastam os testemunhos precedentes, em especial o juízo terminante de Bernard Lazare. Contudo, é necessário dissipar qualquer dúvida.

Durante a maior parte de sua vida, o heresiarca mostrou-se filojudeu, o que se reflete em sua concepção religiosa impregnada de judaísmo, como se acaba de ver, e no escrito de 1523, *Das Jesus Christus ein geborener Jude sei* (Que Jesus Cristo nasceu judeu). É opinião corrente que Lutero se tornou antijudeu ao ver que os hebreus não se convertiam em massa ao protestantismo. Indubitavelmente, a decepção causada por tão ingênua pretensão influiu nele, apesar de muitos judeus terem ingressado no movimento luterano e se destacado em sua condução. Também se atribui a virada a outras razões, entre as quais se destacam "desagradáveis experiências em seu trato com certos judeus" e "o aparecimento de seitas judaizantes entre seus próprios adeptos"[41]. A mudança foi gradual. Em 1536, a pedido de Lutero, o príncipe eleitor da Saxônia, João Frederico, determinou que os judeus abandonassem suas terras, o que aparentemente não chegou a se concretizar[42]. Quando, no ano seguinte, Josel de Rosheim, representante da comunidade judaica alemã, quis entrevistar-se com o reformador, este se negou e lhe fez chegar uma missiva na qual manifestava que "*seu coração permanecia, como sempre, cheio de bons sentimentos para com os judeus, mas a doçura devia servir para convertê-los, não para obstiná-los em seus erros*"[43]. Lutero havia conseguido que se tomasse medida semelhante em Brandemburgo, mas, em 1537, Rosheim conseguiu sua anulação valendo-se de cartas de dirigentes protestantes e dos conselheiros de Estrasburgo[44]. Pouco mais tarde, Lutero soube que, na Boêmia, "instigados por judeus, alguns reformistas abraçam o judaísmo, festejam o *sabbat*, e alguns chegam a se circuncidar"[45]. Então publica, em

41 *UJE*, vol. 7, p. 241.
42 Desde logo, isto regia só para os judeus públicos e não pude averiguar se se concretizou, mas não creio, porque as fontes judaicas não mencionam fatos relacionados com a medida. Por isto, Lazarè assinala que os judeus "não foram maltratados" na Alemanha protestante (ob. cit., p. 119).
43 Poliakov, *Historia, etc.*, p. 235.
44 Ben-Sasson, *La Edad Media*, em *Historia, etc.*, t. 2, p. 765.
45 Poliakov, ib.

1538, *Wider die Sabbather an einen guten Freund* (Contra os sabatários a um bom amigo)[46], onde critica a lei judaica.

Mas somente pouco antes de sua morte, ocorrida em 18 de fevereiro de 1536, adotou uma aberta e completa posição antijudaica. Em 1542, elaborou os dois textos que viriam à luz no ano seguinte: *Von den Juden und ihren Lügen* (Dos judeus e suas mentiras), redigido com sua habitual linguagem inflamada[47], e *Von Schem Hamphoras und wom Geschlecht Christi* (A propósito do *Schem Hamphoras* e da linhagem de Cristo), mais violento que o anterior[48]. No primeiro, exigia a queima das sinagogas, a confiscação dos livros da lei judaica, que os judeus fossem obrigados ao trabalho manual, etc., e propunha como meta sua expulsão do território germânico, exortando os governantes e pastores a agir em conformidade com o que foi dito.

Qual foi a reação dos dirigentes protestantes e dos principais seguidores de Lutero? A reação foi de reprovação geral e imediata, em especial contra o último escrito que, diz Poliakov, "indignava até seus companheiros mais fiéis". "Até o fiel Melanchton, em uma carta ao pregador Osiander, deixava transparecer sua desaprovação"[49]. André

46 O amigo era o conde Wolfgang Schlick zu Falkenau, da Boêmia do norte, que havia posto sobreaviso a Lutero.

47 Escreveu-o para replicar a um opúsculo contra seu texto acerca dos sabatários, cujo autor era aparentemente judeu. Embora ele mesmo tenha se extraviado, chegou às mãos do reformador em Wittenberg em 18-V-1542. Baseava-se em uma exegese judaica da Bíblia, o que provocou a irada réplica luterana.
A violência da linguagem de Lutero contra os judeus tampouco deve nos chamar ao engano, pois ainda se acentuou em seu escrito de 1545 *Contra el Papado de Roma, fundado por el Diablo*, fato destacado pelos judeus e luteranos. León Poliakov, embora não mencione explicitamente esse texto, observa que "falava do Santo Padre, seu dileto inimigo, de forma que superava, tanto em veemência como em obscenidade, tudo o que pôde dizer sobre os judeus" (ob. cit., p. 234).

48 *Shem Hameforash* (tal é sua fonética castelhana) é o "Nome inefável do Altíssimo", a "locução mística com a qual se designa, sem pronunciá-lo, o nome de Deus" (v. Schallman, *Diccionario, etc.*, p. 171). Sinônimo de Shem, Adoseh, Adonay, Jehová, Jehové, Yavé e Elohim, representa o impronunciável tetragrama YHVH ou IHVH.
Para seus escritos antijudaicos, Lutero baseou-se nas obras de Bernardo Ziegler (cujos títulos não pude estabelecer) e sobretudo na de outro converso, Antonio Margarita ([Margalita] m. c.1490), autor de *Der Gantz Jüdisch Glaub, etc.* (*La entera fe judía, etc.*) Augsburgo, 1530), que o reformador citou reiteradamente em *Von den Juden, etc.* Filho de um rabino, Margarita abraçou primeiro o catolicismo e pouco depois passou ao campo protestante (*EJ*, vol. 11, 985 e 958-959; *UJE*, vol. 7, p. 241). Não deve enganar-se o leitor, no entanto, acerca do "antijudaísmo" dos conversos, os quais negam o caráter racial do judaísmo apresentando-o como uma religião, cujos membros, apesar de sua obstinação, podem converter-se autenticamente à Fé cristã. Isto é falso, os judeus não querem realmente converter-se, e isso a história demonstra de forma indubitável (cf. sobre esta matéria essencial meu citado estudo *Los Conversos*).

49 Poliakov, ob. cit., pp. 232-233. A segunda figura do luteranismo, Felipe Melanchton ([Schwartzerd] 1497-1560), sobrinho-neto e aluno de Reuchlin, "a quem devia muito de sua formação" (cf. Box, ob. cit., p. 339), foi também hebraísta erudito e, entre seus trabalhos, sobressai *De studio linguae Ebraeae* (1549). Sua posição filojudaica ficou evidenciada no conclave luterano realizado em Francfort do Main no ano de 1539: ali "condenou-se a calúnia do crime ritual, em grande medida devido aos esforços do teólogo protestante Melanchton" (cf. Aarón Steinberg, *Los judíos en la Edad Moderna*, p. 6, B. P. Judía, ed. Executivo Sudamericano del C. J. Mundial, Bs. As., 1970; e, também Max Wurmbrandt e Cecil Roth, *El pueblo judío. 4000 años de historia*, p. 259, ed. Aurora, 4ª edição, Tel

Osiander (1498-1552), o afamado pregador de Nuremberg, em carta a Elias Levita, protestou com veemência contra o *Schem Hamphoras* de Lutero[50]. (Henrique Bullinger, o sucessor de Zwinglio, escreveu em 1545 a *Verdadeira confissão dos servidores da Igreja de Zurique*, onde qualifica o *Schem Hamphoras* como escrito "sujo e lamacento", que "se tivesse sido escrito por um porqueiro, não por um famoso pastor de almas, mal encontraria desculpa"[51].)

É lógico, então, o ocorrido com esses escritos luteranos: enquanto Lutero viveu, fizeram-se duas edições de *Dos judeus e suas mentiras* e três do *Schem Hamphoras*, mas parte dos exemplares deste foi destruída. Em contrapartida, *Que Jesus Cristo nasceu judeu* alcançou nove reedições no mesmo ano de sua aparição[52]. Os textos antijudaicos "até o advento do hitlerismo estiveram praticamente ocultos"[53]. Com efeito, raras vezes foram publicados nos séculos XVII e XVIII e somente em suas obras completas no XIX e no XX, exceto durante o Terceiro Reich, época na qual se fizeram numerosas edições populares.

Em 1543, Lutero também redigiu outro escrito antijudaico de índole teológica e de menor importância do ponto de vista que nos ocupa: *Von den letzten Worten Davids* (Das últimas palavras de Davi). E, três dias antes de seu falecimento, em 15 de fevereiro de 1546, pronunciou um sermão na igreja de Santo André, em Eisleben, onde exortou à conversão dos judeus e ao abandono de seu proceder, contrário à sociedade e a Cristo, e solicitou que fossem expulsos, a menos que se convertessem[54].

Aviv, 1987). Um dos mestres de hebraico que aquele teve em Wittenberg foi o ex-rabino Jacob Gipher, batizado Bernardo Gipher (cf. Newman, ob. cit., p. 627).

50 *EJ*, vol. 12, 1498. O antigo sacerdote católico Osiander foi, em sua época, um dos principais hebraístas. Para aperfeiçoar seus conhecimentos na língua hebraica, recorreu aos serviços do judeu público Woelflein de Schnaittach, que se instalou em Nuremberg com esse propósito. Mais adiante foi titular da cátedra de hebraico na Universidade de Königsberg. Este "defensor dos judeus" (*UJE*, vol. 8, p. 333) em 1540 publicou um texto sem assinatura para exculpá-los da acusação de crime ritual: *Ob es war gläubich sey, dass die Juden der Christen Kindt Haymlich erwürgen und ihr Blut gebrauchen* (Se é verdade crível que os judeus estrangulam o filho dos cristãos e empregam seu sangue). O texto foi achado por M. Stern, que o reeditou em Kiel, no ano de 1903, com o título de *Andreas Osianders Schrift über die Blutbeschuldigung* (O escrito de Andrés Osiander sobre a acusação de crime de sangue) (ib.). Outra fonte afirma que a reedição se fez em 1893 (cf. Ben-Sasson, ob. cit., p. 764). Sem dúvida, o escrito se acha relacionado com a mencionada assembleia luterana de Francfort. Osiander foi uma figura destacada na Reforma alemã, mas frequentemente tinha controvérsias com seus próprios correligionários luteranos.

51 García-Villoslada, ob. cit., t. II, p. 535.

52 Poliakov, ob. cit., p. 237.

53 Ib.

54 O sermão publicou-se com o nome de *Eine Vermanung wider die Juden* (Advertência contra os judeus), t. 51, pp. 195-196, WA, 1914. (García-Villoslada, por erro, diz que foi pronunciado no dia 7 [ob. cit., t. II, p. 567].) Grisar afirma que o pedido de Lutero se referia aos hebreus estabelecidos no território de Mansfeld, e destaca que a

A história julga os fatos objetivos, e não as intenções: a heresia criada por Lutero serviu ao judaísmo; em contrapartida, seu derradeiro antijudaísmo não teve consequências práticas. Não ponho em dúvida a honestidade da evolução de Lutero em relação aos judeus, mas o concreto é que ele não abandonou as ideias judaicas que configuram o fundamento de sua doutrina, por exemplo, a rejeição das imagens sagradas35, nem, menos ainda, expulsou os adeptos israelitas que, após a publicação de tais escritos, permaneceram em suas fileiras, às quais continuaram afluindo outros36. O fato de que os judeus continuem exaltando Lutero e se mostrem tão benignos com seu intrascendente antijudaísmo final dispensa maiores comentários.

Qual foi a reação dos dirigentes protestantes e dos principais seguidores de Lutero? A reação foi de reprovação geral e imediata, em especial contra o último escrito que, diz Poliakov, "indignava até seus companheiros mais fiéis". "Até o fiel Melanchton, em uma carta ao pregador Osiander, deixava transparecer sua desaprovação"[55]. André Osiander (1498-1552), o afamado pregador de Nuremberg, em carta a Elias Levita, protestou com veemência contra o *Schem Hamphoras* de Lutero[56]. (Henrique Bullinger, o sucessor de Zwinglio, escreveu em 1545 a *Verdadeira confissão dos servidores da Igreja de Zurique*, onde qualifica o

---

pregação contra os judeus ele a fez "não obstante constar-lhe que a própria condessa de Mansfeld passava por ser sua protetora" (v. Hartmann Grisar, S.J., *Martín Lutero. Su vida y su obra*, pp. 398 e 416, ed. Librería General de Victoriano Suárez, Madri, 1934). O reformador alojava-se então com os condes, que proviam a sua manutenção (ib., p. 416). O comportamento em relação aos judeus de sua anfitriã e adepta é outra demonstração da falta de apoio, nas próprias fileiras, a seu antijudaísmo.

55 Poliakov, ob. cit., pp. 232-233. A segunda figura do luteranismo, Felipe Melanchton ([Schwartzerd] 1497-1560), sobrinho-neto e aluno de Reuchlin, "a quem devia muito de sua formação" (cf. Box, ob. cit., p. 339), foi também hebraísta erudito e, entre seus trabalhos, sobressai *De studio linguae Ebraeae* (1549). Sua posição filojudaica ficou evidenciada no conclave luterano realizado em Francfort do Main no ano de 1539: ali "condenou-se a calúnia do crime ritual, em grande medida devido aos esforços do teólogo protestante Melanchton" (cf. Aarón Steinberg, *Los judíos en la Edad Moderna*, p. 6, B. P. Judía, ed. Executivo Sudamericano del C. J. Mundial, Bs. As., 1970; e, também Max Wurmbrandt e Cecil Roth, *El pueblo judío. 4000 años de historia*, p. 259, ed. Aurora, 4ª edição, Tel Aviv, 1987). Um dos mestres de hebraico que aquele teve em Wittenberg foi o ex-rabino Jacob Gipher, batizado Bernardo Gipher (cf. Newman, ob. cit., p. 627).

56 *EJ*, vol. 12, 1498. O antigo sacerdote católico Osiander foi, em sua época, um dos principais hebraístas. Para aperfeiçoar seus conhecimentos na língua hebraica, recorreu aos serviços do judeu público Woelflein de Schnaittach, que se instalou em Nuremberg com esse propósito. Mais adiante foi titular da cátedra de hebraico na Universidade de Königsberg. Este "defensor dos judeus" (*UJE*, vol. 8, p. 333) em 1540 publicou um texto sem assinatura para exculpá-los da acusação de crime ritual: *Ob es war gläubich sey, dass die Juden der Christen Kindt Haymlich erwürgen und ihr Blut gebrauchen* (Se é verdade crível que os judeus estrangulam o filho dos cristãos e empregam seu sangue). O texto foi achado por M. Stern, que o reeditou em Kiel, no ano de 1903, com o título de *Andreas Osianders Schrift über die Blutbeschuldigung* (O escrito de Andrés Osiander sobre a acusação de crime de sangue) (ib.). Outra fonte afirma que a reedição se fez em 1893 (cf. Ben-Sasson, ob. cit., p. 764). Sem dúvida, o escrito se acha relacionado com a mencionada assembleia luterana de Francfort. Osiander foi uma figura destacada na Reforma alemã, mas frequentemente tinha controvérsias com seus próprios correligionários luteranos.

Schem Hamphoras como escrito “sujo e lamacento”, que “se tivesse sido escrito por um porqueiro, não por um famoso pastor de almas, mal encontraria desculpa”[57].)

É lógico, então, o ocorrido com esses escritos luteranos: enquanto Lutero viveu, fizeram-se duas edições de *Dos judeus e suas mentiras* e três do *Schem Hamphoras*, mas parte dos exemplares deste foi destruída. Em contrapartida, *Que Jesus Cristo nasceu judeu* alcançou nove reedições no mesmo ano de sua aparição[58]. Os textos antijudaicos “até o advento do hitlerismo estiveram praticamente ocultos”[59]. Com efeito, raras vezes foram publicados nos séculos XVII e XVIII e somente em suas obras completas no XIX e no XX, exceto durante o Terceiro Reich, época na qual se fizeram numerosas edições populares.

Em 1543, Lutero também redigiu outro escrito antijudaico de índole teológica e de menor importância do ponto de vista que nos ocupa: *Von den letzten Worten Davids* (Das últimas palavras de Davi). E, três dias antes de seu falecimento, em 15 de fevereiro de 1546, pronunciou um sermão na igreja de Santo André, em Eisleben, onde exortou à conversão dos judeus e ao abandono de seu proceder, contrário à sociedade e a Cristo, e solicitou que fossem expulsos, a menos que se convertessem[60].

A história julga os fatos objetivos, e não as intenções: a heresia criada por Lutero serviu ao judaísmo; em contrapartida, seu derradeiro antijudaísmo não teve consequências práticas. Não ponho em dúvida a honestidade da evolução de Lutero em relação aos judeus, mas o concreto é que ele não abandonou as ideias judaicas que configuram o fundamento de sua doutrina, por exemplo, a rejeição das imagens sagradas[61], nem,

57 García-Villoslada, ob. cit., t. II, p. 535.

58 Poliakov, ob. cit., p. 237.

59 Ib.

60 O sermão publicou-se com o nome de *Eine Vermanung wider die Juden* (Advertência contra os judeus), t. 51, pp. 195-196, WA, 1914. (García-Villoslada, por erro, diz que foi pronunciado no dia 7 [ob. cit., t. II, p. 567].) Grisar afirma que o pedido de Lutero se referia aos hebreus estabelecidos no território de Mansfeld, e destaca que a pregação contra os judeus ele a fez “não obstante constar-lhe que a própria condessa de Mansfeld passava por ser sua protetora” (v. Hartmann Grisar, S.J., *Martín Lutero. Su vida y su obra*, pp. 398 e 416, ed. Librería General de Victoriano Suárez, Madri, 1934). O reformador alojava-se então com os condes, que proviam a sua manutenção (ib., p. 416). O comportamento em relação aos judeus de sua anfitriã e adepta é outra demonstração da falta de apoio, nas próprias fileiras, a seu antijudaísmo.

61 A única mudança de importância foi a rejeição da exegese judaica que os hebraístas empregavam, em especial Sebastián Münster e Santos Pagnino. Em certa ocasião, exclamou a esse respeito: “Oh!, os hebraístas —digo isto também dos nossos— judaízam (*jüdenzen*) muito; portanto, neste livro que escrevi contra os judeus, tive também a eles em mente” (v. *Tischreden in Matheis-chen Sammlung* [*Conversaciones de sobremesa en la Colección*

menos ainda, expulsou os adeptos israelitas que, após a publicação de tais escritos, permaneceram em suas fileiras, às quais continuaram afluindo outros[62]. O fato de que os judeus continuem exaltando Lutero e se mostrem tão benignos com seu intranscedente antijudaísmo final dispensa maiores comentários.

Por ocasião dos 500 anos do nascimento de Lutero, realizou-se em Estocolmo, de 11 a 13 de julho de 1983, a segunda deliberação entre o Comitê Judaico Internacional para Consultas Inter-religiosas (IJCIC) e a Federação Luterana Mundial. O IJCIC é composto pelas principais organizações judaicas do mundo: o Congresso Judaico Mundial, a Liga Antidifamatória da B'nai B'rith, o Comitê Judaico Americano, o Conselho de Sinagogas da América e o Conselho Judaico de Israel para Consultas Inter-religiosas. À reunião compareceram quinze altos dignitários luteranos e doze judeus, entre eles Gerhart M. Riegner, secretário-geral do Congresso Judaico Mundial; o Dr. Ernst L. Ehrlich, diretor europeu da B'nai B'rith International e secretário da Christian-Jewish Friendship Association; o rabino Wolfe Kelman, vice-presidente executivo da Assembleia Rabínica e copresidente da Comissão de Assuntos Inter-religiosos do Congresso Judaico Mundial; e Uriel Tal, professor de História Judaica Contemporânea na Universidade de Tel Aviv, falecido em junho de 1984, que teve papel destacado na conferência. O relatório sobre

Mathesius] p. 588, Leipzig, 1903, *apud* Newman, ob. cit., pp. 528 e 619; v. também pp. 529 e 620; Lutero aludia a sua obra *De los judíos y sus mentiras*). Expressa Newman que o reformador então "deplorava a confiança que Pagnino, de modo similar ao de Sebastián Münster e os contemporâneos de mentalidade afim, depositava nos comentários rabínicos" (ob. cit., p. 528). Efetivamente, em sua análise crítica das fontes bíblicas, os "teólogos e exegetas protestantes *estavam adotando as opiniões mais históricas e críticas das fontes dos exegetas judeus*". Por isso, "a maior parte dos tratados antijudaicos de Lutero consiste em uma elaborada tentativa de dissuadir seus companheiros protestantes de empregar a exegese rabínica" (v. Mark U. Edwards Jr., em *Luther, Lutheranism and the Jews*, p. 27, ed. por la Lutheran World Federation, Genebra, 1984). Ora: resulta significativo que, apesar de tudo, Lutero continuasse admirando Lyra, o repetidor de Rashi, ao qual qualifica de "alma bela, bom hebraísta e verdadeiro cristão" (cf. *Von den letzten Worten Davids*, t. 54, p. 30, WA, 1928) e que mantivesse "um profundo e permanente amor pela Bíblia Hebraica" (*EJ*, vol. 11, 585). Isto último se explica **porque sem ela não existe o protestantismo**, cujo princípio nuclear é a *sola scriptura*, a Bíblia Hebraica —e o Novo Testamento— como autoridade suprema. A oposição do heresiarca não teve nenhum efeito; ao contrário, em razão de ter-se guiado pelas interpretações rabínicas, a versão latina da Bíblia Hebraica de Pagnino (Lyon, 1528) alcançou rápida popularidade (v. Newman, ob. cit., p. 529). Outro tanto ocorreu com a de Münster, onde se adverte, igual que na anterior, marcada influência dos comentários de David Kimjí, além dos de Rashi, Ibn Ezra, Najmánides, etc. (*ib.*, pp. 100 e 542). A popularidade de sua Bíblia "serviu para abrir o caminho à entrada da exegese judaica no pensamento cristão" (*ib.*, p. 100). As obras de Rashi, Maimônides e de outros comentaristas judeus eram muito populares na Alemanha durante a Reforma (*ib.*, p. 487).

62 Os conversos dos países germânicos eram luteranos ou calvinistas (v. Secret, ob. cit., p. 273).j

os temas nela abordados foi *Luther, Lutheranism and the Jews*, editado no ano mencionado, e ao qual acabo de me referir[63].

O encontro prova, mais uma vez, que o antijudaísmo do reformador, exceto no regime nacional-socialista, não encontrou eco nas diversas tendências protestantes, nem sequer na luterana. Durante seu transcurso, os representantes desta última rejeitaram reiteradamente a posição de seu mestre. Um deles, Mark U. Edwards Jr., qualificou *Dos judeus e suas mentiras* de "tratado pequeno e horrível"[64]. Na Declaração Conjunta, comprometem-se "a consultas periódicas e a atividades conjuntas que fortalecerão nossos vínculos comuns a serviço da humanidade"[65].

No fim deste importante documento, no qual se recolhe a opinião judaica sobre Lutero, um dos participantes (omite-se a identidade), depois de criticar algumas de suas concepções teológicas, elogia aquilo que realmente interessa aos judeus: a "iconoclastia, o antimonasticismo, o anticlericalismo, **a ênfase no Antigo Testamento em hebraico**" e "**a dissolução da Igreja una**". O representante judeu termina assinalando que a *Reforma* —cuja figura dominante é Lutero— conduziu à emancipação dos judeus. E isto, demonstra-o com clareza a história contemporânea, não é outra coisa senão a sujeição dos cristãos (e dos não judeus em geral) ao poder judaico. Explica-se, então, que o delegado judeu recorde que Salomo Ludwig Steinheim, um dos paladinos de tal "emancipação" na

63 Está dedicado à "bendita memória" do citado Uriel Tal.

64 *Luther, Lutheranism and the Jews*, p. 15. Edwards, professor de história na Pardue University dos EUA, tem um sobrenome muito comum entre os israelitas, inclusive confessos (v. Rottenberg, ob. cit., p. 205, e Zubatsky e Berent, ob. cit., p. 92). A indicação de que um nome é usado pelos hebreus não significa, desde logo, que seu portador o seja, mas é um dado que o investigador não pode deixar passar por alto. Há patronímicos, no entanto, utilizados exclusivamente pelos judeus, v.g., no caso dos conversos, os salvíficos, de santos e beatíficos (Santa Cruz, de la Cruz, Santa María, Beato), os de ofícios religiosos (Sacerdote, Sacristán) ou profanos (Carnicero, Sastre, Escribano, Carpintero, Zapatero), sobretudo mercantis e seus derivados e conexos (Mercader, Mercado, Trapero, Tarifa, Aduana, Contador, del Banco, Ganancia), assim como de animais (Gato, Gallo, Novillo, Ganso, Conejo, Garza). Também levam nomes de metais preciosos indistintamente judeus públicos e convertidos (Oro, Plata, Rubí, Diamante), e isto, como se sabe, em diversos idiomas. E de cores (embora às vezes os empreguem não judeus): Moreno, Gris, Pardo, Rojo, etc. Outro tanto cabe dizer dos de cidades, que só em forma excepcional têm os gentios. Igualmente, o uso de prenomes como sobrenomes é um costume judaico (que se observa, ademais, entre os árabes): Jorge, Miguel, Bernardo, etc.

65 *Ib.*, p. 11. No ano de 1990, a Comissão da Igreja Europeia Luterana e o Povo Judeu realizou uma reunião entre representantes de ambos os setores, ao final da qual emitiu uma *Declaración sobre el Encuentro entre Cristianos Luteranos y Judíos*, datada em Driebergen, Países Baixos, em 8 de maio do referido ano. Em *Aspectos fundamentales*, sustenta: "3. Deus escolheu Israel como seu povo [...] Israel não é substituído pela Igreja. 4. [...] Consideramos que seu retorno ao país de seus ancestrais deve ser um *sinal da fidelidade de Deus a seu pacto*. 5. A comunidade cristã se originou no povo judeu e necessita, portanto, de uma *relação com o judaísmo a fim de definir sua própria identidade*" (cf. revista CRISTIANOS E ISRAEL. Publicação trimestral da Associação de Cristãos e Judeus em Israel, vol. I, nº 4, p. 4, Jerusalém, dezembro de 1992).

Alemanha e destacado polemista anticristão (v. cap. 2), tenha expressado que “Lutero era um herói na luta pela liberdade de pensamento; **bendita seja sua memória, apesar de tudo!**”[66]

66 *Ib.*, p. 70. Com respeito à destacada participação de Steinheim na denominada emancipação dos judeus na Alemanha, cf. *UJE*, vol. 10, pp. 47-48.